



# A Santa Sé

---

PAPA JOÃO PAULO II

**AUDIÊNCIA GERAL**

*Quarta-feira, 18 de Novembro de 1981*

## ***A aliança de Deus com os homens renova a realidade da vida***

1. "Estais enganados, porque desconheceis as Escrituras e o poder de Deus" (Mt 22, 29) – assim disse Cristo aos Saduceus, que – recusando a fé na futura ressurreição dos corpos – Lhe tinham exposto o caso seguinte: "Ora, entre nós, havia sete irmãos. O primeiro casou e morreu sem descendência, deixando a mulher a seu irmão" (segundo a lei mosaica do "levirato"); "sucedeu o mesmo ao segundo, depois ao terceiro, e assim até ao sétimo. Depois de todos eles, morreu a mulher. Na ressurreição, de qual dos sete será ela mulher?" (Mt 22, 25-28).

Cristo replica aos Saduceus afirmando, no princípio e no fim da sua resposta, que eles estão em grande erro, não conhecendo nem as Escrituras nem o poder de Deus (cf. Mc 12, 24; Mt 22, 29). Sendo o colóquio com os Saduceus referido pelos Evangelhos sinópticos todos três, confrontemos brevemente os textos que nos interessam.

2. A versão de Mateus (22, 24-30), embora não faça referência à sarça, concorda quase inteiramente com a de Marcos (12, 13-25). Ambas as versões contêm dois elementos essenciais: 1) a enunciação sobre a futura ressurreição dos corpos, 2) a enunciação sobre o estado dos corpos dos homens ressurgidos [1]. Estes dois elementos encontram-se também em Lucas (20, 27-36) [2]. O primeiro elemento, relativo à futura ressurreição dos corpos, anda junto, especialmente em Mateus e em Marcos, com as palavras dirigidas aos Saduceus, segundo as quais eles não conhecem "nem as Escrituras nem o poder de Deus". Tal afirmação merece ser considerada em particular, pois exactamente nela especifica Cristo as bases mesmas da fé na ressurreição, a que fizera referência ao responder à questão apresentada pelos Saduceus com o exemplo concreto da lei mosaica do levirato.

3. Sem dúvida, os Saduceus tratam o assunto da ressurreição como um tipo de teoria ou de hipótese, susceptível de ser ultrapassado [3]. Jesus demonstra-lhes primeiro um erro de método: não conhecem as Escrituras; e depois um erro de mérito: não aceitam o que é revelado pelas Escrituras – não conhecem o poder de Deus –, não crêem n'Aquele que se revelou a Moisés na sarça ardente. É resposta muito significativa e muito precisa. Cristo encontra-se aqui com homens, que se julgam experimentados e competentes intérpretes das Escrituras. A estes homens – isto é aos Saduceus – Jesus responde que só o conhecimento literal da Escritura não é suficiente. A Escritura, de facto, é sobretudo meio para conhecer o poder do Deus vivo, que nela se revela, assim como se revelou a Moisés na sarça. Nesta revelação Ele chamou a Si mesmo "o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e de Jacob" [4] – daqueles portanto que tinham sido os progenitores de Moisés na fé, que brota da revelação do Deus vivo. Todos os quais estão já mortos há muito tempo; contudo Cristo completa a referência a eles com a afirmação de que Deus "não é Deus dos mortos, mas dos vivos". Esta afirmação-chave, em que interpreta Cristo as palavras dirigidas a Moisés pela sarça ardente, pode ser compreendida só admitindo a realidade de uma vida, a que a morte não põe fim. Os pais de Moisés na fé, Abraão, Isaac e Jacob são para Deus pessoas vivas (cf. Lc 20, 38: "pois para Ele, todos estão vivos"), embora, segundo os critérios humanos, devam ser contados entre os mortos. Reler correctamente a Escritura, e em particular as sobreditas palavras de Deus, quer dizer conhecer e acolher com a fé o poder do Dador da vida, que não está vinculado pela lei da morte, dominadora na história terrena do homem.

4. Parece que se deve interpretar deste modo a resposta de Cristo sobre a possibilidade da ressurreição [5], dada aos Saduceus, segundo a versão de todos os três Sinópticos. Virá o momento em que a resposta, nesta matéria, será dada por Cristo com a própria ressurreição; por ora, todavia, Ele apela para o testemunho do Antigo Testamento, demonstrando como descobrir nele a verdade sobre a imortalidade e sobre a ressurreição. É necessário fazê-lo não nos detendo unicamente no som das palavras, mas subindo também ao poder de Deus, que por aquelas palavras é revelado. Citar Abraão, Isaac e Jacob naquela teofania concedida a Moisés, da qual nos fala o livro do Êxodo (3, 2-6), constitui testemunho que o Deus vivo dá àqueles que vivem "para Ele": àqueles que, graças ao seu poder, têm a vida, ainda que, cingindo-nos às dimensões da história, seria necessário há muito tempo contá-los entre os mortos.

5. O significado pleno deste testemunho, a que Jesus se refere no seu colóquio com os Saduceus, poder-se-ia (sempe unicamente à luz do Antigo Testamento) apreender do modo seguinte: Aquele que é – Aquele que vive e que é a Vida – constitui a inexaurível fonte da existência, e da vida, assim como se revelou no "princípio" no Génesis (cf, Gén. 1-3). Embora, por causa do pecado, a morte corporal se tenha tornado a sorte do homem (cf. Gén. 3, 19) [6], e embora o acesso à árvore da Vida (grande símbolo do Livro do Génesis) lhe tenha sido proibido (cf. Gén. 3, 22), todavia, o *Deus vivo, contraindo a sua Aliança com os homens* (Abraão – Patriarcas, Moisés, Israel), *renova continuamente, nesta aliança, a realidade mesma da Vida*, descobre-lhe de novo a perspectiva e em certo sentido abre novamente o acesso à árvore da

Vida. Juntamente com a Aliança, esta vida, cuja fonte é o próprio Deus, é participada àqueles mesmos homens que, em consequência da ruptura da primeira Aliança, tinham perdido o acesso à árvore da Vida, e nas dimensões da sua história terrena tinham sido sujeitos à morte.

6. Cristo é a última palavra de Deus sobre este assunto; de facto, a Aliança, que com Ele e por Ele é estabelecida entre Deus e a humanidade, abre uma infinita perspectiva de Vida: e o acesso à árvore da Vida – segundo o plano original do Deus da Aliança – é revelado a cada homem na sua definitiva plenitude.

Será este o significado da morte e da ressurreição de Cristo, será este o testemunho do mistério pascal. Todavia o colóquio com os Saduceus decorre na fase pré-pascal da missão messiânica de Cristo. A narração do colóquio segundo Mateus (22, 24-30) Marcos (12, 13-27), e Lucas (20, 27-36) manifesta que Jesus Cristo – o qual várias vezes, em particular nos colóquios com os discípulos, tinha falado da futura ressurreição do Filho do homem. (cf. por ex. *Mt* 17, 9.23; 20, 19 e paral.) – no colóquio com os Saduceus, pelo contrário, não usa este argumento. As razões são óbvias e claras. O colóquio é com os Saduceus, "os quais afirmam que não há ressurreição" (como insiste o evangelista), isto é põem em dúvida a possibilidade mesma dela e entretanto consideram-se experimentados na Escritura do Antigo Testamento e seus intérpretes qualificados. É por isso que Jesus se refere ao Antigo Testamento e, com base nele, demonstra-lhes que "não conhecem o poder de Deus" [7].

7. A respeito da possibilidade da ressurreição, Cristo recorre precisamente àquele poder, que a par e passo acompanha o testemunho do Deus vivo, que é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob – e o Deus de Moisés. O Deus, que os Saduceus "privam" deste poder, já não é o Deus verdadeiro dos seus Pais, mas o Deus das suas hipóteses e interpretações. Cristo, pelo contrário, veio dar testemunho ao Deus da Vida em toda a verdade do Seu poder, que se aplica na vida do homem.

## Notas

[1] Embora o Novo Testamento não conheça a expressão "a ressurreição dos corpos" (que aparecerá a primeira vez em São Clemente: *2 Clem* 9, 1, e em Justino. *Diál* 80, 5) e use a expressão "ressurreição dos mortos", entendendo com ela o homem na sua integridade, é todavia possível encontrar em muitos textos do Novo Testamento a fé na imortalidade da alma e a sua existência também fora do corpo (ef. por ex.: *Lc* 23, 43; *Flp* 1, 23-24; *2 Cor* 5, 6-8).

[2] O texto de Lucas contém alguns elementos novos a respeito dos quais se trava a discussão dos exegetas.

[3] Como é sabido, no judaísmo daquele período não foi claramente formulada uma doutrina acerca da ressurreição; existiam só as diversas teorias lançadas pelas várias escolas.

Os *Fariseus*, que se davam à especulação teológica, desenvolveram energicamente a doutrina sobre a ressurreição, vendo alusões a ela em todos os livros

do Antigo Testamento. Entendiam todavia a futura ressurreição de modo terrestre e primitivo, prenunciando por exemplo enorme crescimento da colheita e da fertilidade na vida depois da ressurreição.

Os *Saduceus*, pelo contrário, polemizavam com tal conceito, partindo da premissa de que o Pentateuco não fala da escatologia. É necessário também ter presente que, no século I, o cânone dos livros do Antigo Testamento não tinha sido ainda estabelecido.

O caso apresentado pelos Saduceus ataca directamente a concepção farisaica da ressurreição. De facto, os Saduceus julgavam que a seguia também Cristo.

A resposta de Cristo corrige igualmente quer as concepções dos Fariseus, quer as dos Saduceus.

[4] Esta expressão não significa "Deus *que era honrado* por Abraão, Isaac e Jacob", mas "Deus *que tomava cuidado* dos patriarcas e os libertava".

Esta fórmula volta no livro do Êxodo: 3, 6: 3, 15.16; 4, 5, sempre no contexto da promessa de libertação de Israel: o nome do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob é penhor e garantia desta libertação.

"Deus de X é sinónimo de socorro, de sustentáculo e de abrigo para Israel". Encontra-se sentido semelhante no Génesis 49, 24: "Deus de Jacob – Pastor e Pedra de Israel, Deus dos teus Pais que te ajudará" (ef. *Gén* 49, 24, 25; cf. também: *Gén* 24, 27; 26, 24; 23, 13; 32, 10; 46, 3).

Cf. E. Dreyfus, O.P., *L'argument scripturaire de Jésus en faveur de la réssurrection des morts* (MC XII, 26-27), *Revue Biblique* 66 (1959) 218.

A fórmula "Deus de Abraão, Isaac e Jacob", em que são citados todos os três nomes dos Patriarcas, indicava na exegese judaica, contemporânea de Jesus, *a relação de Deus com o Povo da Aliança* como comunidade.

Cf. E. Ellis Jesus, *The Sadducees and Qumran*, *New Testament Studies* 10, (1963-64) 275.

[5] No nosso modo contemporâneo para tornar compreensível este texto evangélico, o raciocínio de Jesus diz respeito só à imortalidade; se, de facto, os patriarcas vivem – depois de terem morrido – já agora, antes da ressurreição, escatológica do corpo, então a verificação de Jesus diz respeito à imortalidade da alma e não fala da ressurreição do corpo.

Mas o raciocínio de Jesus foi dirigido nos Saduceus que não conheciam o dualismo do corpo e da alma, aceitando apenas a bíblica unidade psicofísica do homem que é "o corpo e a respiração de vida". Por isso, segundo eles, a alma morre juntamente com o corpo. A afirmação de Jesus, segundo a qual os patriarcas vivem, podia significar para os Saduceus unicamente a ressurreição com o corpo.

[6] Não nos detemos aqui sobre a concepção da morte no sentido puramente veterotestamentário, mas tomamos em consideração a antropologia teológica no seu conjunto.

[7] Este é o argumento determinante que prova a autenticidade da discussão com os Saduceus.

Se a perícopé constituísse "*acrescento pós-pascal da comunidade cristã*" (como julgava por exemplo R. Bultmann), a fé na ressurreição dos corpos apoiaria-se no facto da ressurreição de Cristo, que se impunha como força irresistível, como o faz compreender por exemplo São Paulo. (cf. *1 Cor* 15, 12).

Cf. J. Jeremias, *Neutestamentliche Theologie*, I Teil, Gutersloh 1971 (Mohn); cf. além disso I. H. Marshall, *The Gospel of Luke*, Exeter 1978, The Paternoster Press, p. 738.

A referência ao Pentateuco – havendo no Antigo Testamento textos que tratavam directamente da ressurreição (como por ex. *Is 26, 19* ou *Dan 12, 2* – testemunha ter decorrido a conversa realmente com os Saduceus, que julgavam o Pentateuco única autoridade decisiva.

A estrutura da controvérsia demonstra que esta era uma discussão rabínica, segundo os clássicos modelos em uso nas academias de então.

CF. J. Le Moyne, OSB, *Les Sadducéus*, Paris 1972 (Gabalda), p. 124 s.; E. Lohmeyer, *Das Evangelium des Markus*, Göttingen 1959, 15, p. 257; D. Daube, *New Testament and Rabbinic Judaism*, London 1956, pp. 158-163; J. Rademakers, SJ, *La bonne nouvelle de Jésus selon St Marc*, Bruxelles 1975, Institut d'Etudes Théologiques, p. 313.

## Saudações

### *Aos peregrinos e ouvintes de língua portuguesa*

Quero falar-vos da ressurreição. No diálogo com os Saduceus, que negavam a ressurreição dos mortos, Cristo revidou dizendo não conhecerem a Sagrada Escritura, nem o poder de Deus, que se apresentou a Moisés, na sarça ardente, como o Deus de Abraão, Isaac e Jacob. E Cristo conclui: não é o Deus dos mortos mas dos vivos. Abraão, Isaac e Jacob, longínquos antepassados de Moisés, continuam vivos junto de Deus. Aquele que é, que vive e é a Vida constitui fonte inexaurível de existência e de vida.

Para que as palavras da Sagrada Escritura renovem vossa fé na ressurreição dou-vos a Bênção Apostólica.

### *Aos grupos de peregrinos de língua francesa*

A todos os participantes nesta audiência, formulo votos calorosos para a sua vida pessoal e familiar, para as suas responsabilidades na Igreja e na sociedade, e abençoo-vos de todo o coração.

Desejaria encorajar de modo especial os membros da Comissão Executiva da "Caritas Internationalis". Vós esforçais-vos por convidar o povo de Deus à partilha, oferecendo-lhe meios concretos para o realizar com o fim de ajudar, de modo organizado, as comunidades e as pessoas necessitadas. Deus abençoe a vossa obra que, como a dos outros movimentos de caridade, é inseparável do testemunho específico da Igreja!

Desejo, de igual modo, exprimir um encorajamento semelhante aos Cavaleiros do Santo Sepulcro

de Jerusalém, cuja generosidade é bem conhecida.

Notei também a presença de peregrinos da Grécia, católicos e ortodoxos: sede bem-vindos, queridos amigos, a este lugar santificado pelos Apóstolos Pedro e Paulo! A fé de todos nós apoia-se no seu testemunho; e por eles, somos estimulados no nosso caminho para a plena unidade, que é verdadeiramente necessário apressar mediante a oração e o amor fraterno. Deus Pai, Filho e Espírito Santo vos abençoe.

Permiti-me dirigir uma particular saudação às Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, que seguem um curso de renovação espiritual, e as quais encorajo afectuosamente.

Por fim, desejaria saudar especialmente os peregrinos da diocese de Tarbes e Lourdes, com o seu Bispo Dom Donze. Muitas vezes o meu pensamento vai até à gruta bendita de Lourdes, onde gostaria tanto de ter rezado convosco durante o Congresso eucarístico! Fortificados por estas graças, que a Virgem Imaculada dá com profusão ao vosso país, voltai-vos resolutamente para Cristo é esta a conversão pedida a Bernadette — a fim de testemunhar o seu Evangelho por toda a vida.

*Aos "peregrinos de língua espanhola*

A todas e a cada uma das pessoas de língua espanhola aqui presentes, de modo particular às religiosas e aos membros dos grupos provenientes da Espanha, da Argentina e do México, saúdo cordialmente e dou a minha Bênção.

No meu discurso em italiano falei da resposta dada por Jesus aos Saduceus, que negavam a ressurreição. O Mestre afirma-lhes que não conhecem as Escrituras nem o poder infinito de Deus. Ele, que possui em si mesmo a plenitude da Vida, continua a renovar a realidade da Vida para além da morte, uma vez que não é o Senhor dos mortos, mas dos vivos. Esse Deus vivo, que dá a vida eterna ao homem, é o verdadeiro Deus que nos mostra o Antigo Testamento e se revelará de modo completo em Jesus Cristo.

*Aos grupos de peregrinos de língua italiana*

Dirijo agora uma particular saudação aos participantes na peregrinação da UNITALSI de Ímola.

Caríssimos, desejo assegurar-vos que estou particularmente junto de vós, que sois chamados a participar no sofrimento d'Aquele que, pregado no lenho da Cruz, trouxe a salvação ao mundo inteiro. Estar unidos à Cruz de Cristo é fonte preciosa de santificação e de mérito. A minha saudação cordial é extensiva a todos os doentes aqui presentes, com a promessa de que os recordo na minha prece, e de todo o coração os abençoo assim como todos aqueles que lhes são queridos.

Saúdo também o grupo de jovens surdos-mudos da Escola Média "Mazzini", de Roma. A eles e a todos os jovens aqui presentes gosto de dizer que uma vida é plenamente realizada, e uma juventude autênticamente feliz, quando se é capaz de abrir o coração às propostas que nos vêm de Cristo, para poder falar, com o testemunho da vida, das maravilhas realizadas pelo Senhor naqueles que O escutam e O seguem com generosidade.

Acompanho-os de coração com a minha oração e a minha Bênção.

Dirijo-me, por fim, a vós, jovens Casais; que iniciais um caminho a dois, unidos pelo Sacramento e pelo amor mútuo.

Faço votos por que Cristo seja o vosso companheiro de caminhada: partícipe das alegrias, ajuda nas dificuldades, esperança na prova.

A todos a minha Bênção.

© Copyright 1981 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana